

LIDERANÇA FEMININA

Episódios que se parecem com lendas

n DELFINA MUGABE

UMA activista dos direitos da mulher contou, há dias, num evento realizado em Maputo, sobre a necessidade de aumentar a liderança e oportunidades para a mulher moçambicana, um episódio que à primeira vista parece uma lenda.



Os desafios ainda são muitos para a mulher se emancipar

Porém, analisados os factos, percebe-se que o percurso para a concretização do objectivo 5, dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, ainda parece uma ilusão.

Segundo a activista, "duas

crianças irmãs de sexos opostos estudavam na mesma escola e mesma turma. O rapaz era mais novo. Um dia a professora promoveu a eleição do chefe de turma e a menina foi eleita. De repente, o rapazinho pôs-se a chorar. A professora aproximou-se dele

para entender o que se estava a passar. Qual foi o espanto: queria que tivesse sido ele o escolhido e não a irmã. Porque aprendeu com o pai que o homem é o chefe. O assunto não terminou na escola. Quando chegou à casa, disse aos pais

que não queria estudar mais naquela escola (...)"

Este episódio, que se parece mais com uma lenda, "é o reflexo da educação que transmitimos aos nossos filhos: enquanto o rapaz joga a bola ou brinca com o seu "playstation", a menina está

atarefada com os trabalhos domésticos", disse a presidente do Fórum Mulher, Maria Vera Cruz.

O objectivo 5, dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas, aprovados em Setembro de 2015, refere-se

à necessidade de os Estados-membros trabalharem no sentido de alcançar a igualdade de género e empoderamento das mulheres e meninas, até 2030.

No encontro de há dias, em Maputo, sobre a necessidade de aumentar a liderança e oportunidades para a mulher moçambicana, várias intervenções deixaram entender a complexidade desta matéria.

A Ministra do Trabalho, Vitória Diogo, a quem coube a função de inaugurar o encontro, disse que os ODS constituem um ponto de partida e de chegada na conjugação de esforços e acções conducentes ao empoderamento da mulher e da equidade de género.

Para ela, as mulheres têm vindo a conquistar mais espaço no mercado de trabalho e, com a internacionalização das economias e o aumento da competitividade nas empresas, passaram a ter uma maior presença e visibilidade em cargos estratégicos e de liderança, tanto no sector público, como no privado.

Todavia, segundo a ministra, a evolução não está a acontecer naturalmente. O processo de emancipação, participação, inclusão e empoderamento da mulher, é lento e, vezes sem conta, influenciado por factores endógenos e exógenos, sendo este um teste permanente da capacidade de perseverança e resiliência, tanto da mulher, como do homem.



A violência doméstica é um dos entraves ao empoderamento da mulher

Empresas com mulheres no "Board" têm melhores resultados

Sem expressão nem credibilidade

Empresas com mulheres no "Board" têm melhores resultados

JOÃO Carrilho, consultor e antigo vice-ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural, no Governo de Joaquim Chissano, falando da sua experiência de trabalho com mulheres, deixou registada a informação segundo a qual "empresas

que têm, pelo menos, três mulheres nos órgãos de tomada de decisão alcançam melhores resultados do que não as tendo envolvidas, porque elas (as mulheres) quando trabalham se entregam totalmente e trazem resultados. "Há pessoas que

reclamam que as mulheres nos postos de decisão só fazem número. Ainda que assim fosse, qual é o problema de fazer o número? Deixem fazer número, mas dêem-lhas as mesmas oportunidades que os homens", referiu.

Outras vozes salientaram a necessidade de consciencializar a sociedade sobre as questões de género. "As mulheres são tão competentes como os homens, vamos lutar para chegar lá com mérito", sublinharam.

As suas capacidades não são devidamente utilizadas

MARIA Nita Dengo trouxe o exemplo das mulheres zimbabueanas que também lutam com garras, pela sua emancipação e igualdade de oportunidades, até ao ponto de decidirem que "se o negócio é feito a partir do campo de golfe, então vamos para lá, de modo que tenhamos as mesmas oportunidades".

Quando se fala de postos de tomada de decisão, não se refere apenas a lugares de topo. Mesmo a nível da base, elas fazem diferença. "Infelizmente, as suas capacidades não são devidamente utilizadas. Basta dizer que apenas 25 por cento de postos de liderança em Moçambique são ocupados por mulheres, para perceber quão grande é ainda o desafio.

Para ela, no mundo de negócios "fala-se muito de atitudes, da cultura, etc. Porém, a cultura é de 'only boys'".

Afinal, "o que impede a que as mulheres, mesmo estando nos postos de tomada de decisão, exerçam plenamente as suas funções?", questionou Henriqueta Hunguana, directora da New Faces New Voices Moçambique, organizadora do evento, em coordenação com o Alto Comissariado da Austrália. Várias interpretações ecoaram para esta questão.

Paula Vera Cruz, presidente do Fórum Mulher, sublinhou a necessidade de as mulheres continuarem a lutar para o seu empoderamento, afirmando que em todos os sectores de actividade se repetem episódios em que elas ocupam lugares subalternos. "Mesmo nas escolas, os rapazes



As mulheres são tão competentes como os homens - Victória Diogo, Ministra do Trabalho, Emprego e Segurança Social

são escolhidos para chefiar as turmas, tendo as meninas como adjuntas". É uma situação que não é apenas das escolas, mas repete-se na nossa sociedade. Por isso, temos que combater esta forma de pensamento. As barreiras que as mulheres ainda devem transpor são inúmeras e a solução passa por uma maior confiança e solidariedade entre si.

Na óptica de Mandy Matthews, do "The Pacific Institute", o maior

desafio é que as mulheres têm tendência a subestimar-se, avaliando constantemente o seu desempenho como sendo o mais fraco do que é na realidade. "A experiência indica que um homem bem-sucedido é apreciado, quer por outros homens, quer por mulheres. O que já não acontece com uma mulher. Aliás, segundo ela, uma mulher bem-sucedida "é depreciada por ambos: homens e mulheres". Isso resulta da

educação transmitida pelos pais aos filhos, dos preconceitos, etc. Contudo, é preciso começar a pensar diferente.

Na sua comunicação, Gilda Monjane, que está a desenvolver um projecto de energia solar, sublinhou a necessidade de combater as práticas tradicionais que prejudicam as mulheres, eternizando as desvantagens.

"Temos que mostrar que a mulher não é o rosto de problemas,

mas sim parte da solução. Para tal, é preciso criar um ambiente propício para promover o seu empoderamento económico", disse, explicando que elas ainda têm dificuldades de pedir empréstimo no banco porque não têm as garantias exigidas pelas instituições financeiras, como por exemplo uma conta salarial.

Apostar na educação da rapariga

ENTRETANTO, a deputada do Parlamento, pela bancada da FRELIMO, Esperança Bias, disse que nem tudo vai mal para as mulheres moçambicanas, pois agora é possível ver uma participação maior em várias esferas da vida sócio-política e económica de Moçambique. Se até finais de 1980 existia apenas uma mulher nos cargos de direcção ao mais alto nível, hoje temos várias economistas, geólogas, entre outras, a trabalhar em vários sectores públicos e privados. "Isso é fruto do empenho delas próprias em se afirmar no mercado do trabalho. "Ainda existem muitos desafios. É preciso apostar na educação da rapariga", desafiou Esperança Bias, acrescentando que muitas organizações prosperaram por apostarem na mulher, pois ela tem capacidade de se enquadrar e desenvolver um processo de liderança. Infelizmente, explicou, ela própria não acredita nas suas capacidades, para além de que a sociedade também não acredita nela. "Quero encorajar a todas as organizações para promoverem,

Sem expressão nem credibilidade



Agora é possível ver uma participação maior em todas as esferas - Esperança Bias

FLORENCE Raes, representante da ONU Mulheres, falando numa entrevista recente ao nosso Jornal, disse que tem notado que no país existem muitas mulheres que ocupam cargos políticos importantes, mas todavia isto não significa que elas tenham espaço para se impor na assembleia ou levantar questões no debate político. Ela afirmou que em Moçambique, mesmo nos espaços que tradicionalmente são considerados masculinos, quando as mulheres estão lá, elas jogam um papel subalterno. "Poucas conseguem ser líderes de bancadas e de partidos políticos, debater temas de importância estratégica como a dívida pública, a tensão político-militar, pois a esmagadora maioria dos participantes ainda são homens".

Mesmo nos distritos, afirmou Florence Raes, há relatos que indicam que as mulheres eleitas nos órgãos municipais também não lhes é dada a devida credibilidade. "Quando estão a intervir nos encontros, elas são alvo de risos e assobios e isso deslegitima a palavra da mulher. Existe, sim, uma participação quantitativa das mulheres, mas a qualitativa ainda carece de desafios", sublinhou.



Algumas a sua voz não se ouve no Parlamento nem nas assembleias provinciais...

fortemente, o empoderamento da mulher", solicitou.

As desigualdades de oportunidades e direitos entre homens e mulheres ainda se perpetuam, também, no mundo desenvolvido, embora sejam mais acentuadas em países africanos. Stacey Walter, do Alto Comissariado

da Austrália, disse no encontro sobre liderança que na Austrália as mulheres representam 14 por cento da força laboral na indústria mineira e ganham 18 por cento abaixo do salário dos seus colegas do sexo masculino, da mesma categoria profissional, para além de que 4 por cento de mulhe-

res ainda são vítimas da violência doméstica. Os factos aqui revelados indicam quão longo e tortuoso é o caminho para a concretização de alguns Objectivos do Desenvolvimento Sustentável, tal como o objectivo 5, das Nações Unidas, para cuja implementação somos todos chamados.